



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
FACULDADE DE HISTÓRIA

RODIN MOURA MIRANDA

**A HISTÓRIA DA HANSENÍASE NA EDUCAÇÃO BÁSICA:** representações sobre a  
doença, em notícias de jornais, na cidade de Belém no século XX.

BELÉM - PA

2026

RODIN MOURA MIRANDA

**A HISTÓRIA DA HANSENÍASE NA EDUCAÇÃO BÁSICA:** representações sobre a doença, em notícias de jornais, na cidade de Belém no século XX.

Nota de Pesquisa publicada na coletânea “História das práticas da saúde e das doenças, volume 2” apresentada como Trabalho de Curso, requisito da disciplina de Monografia para obtenção de grau de Licenciado em História, pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Elane Cristina Rodrigues Gomes.

BELÉM - PA

2026

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a)**

---

M672h Miranda, Rodin Moura.  
A história da hanseníase na educação básica :  
representações sobre a doença, em notícias de jornais, na  
cidade de Belém no século XX. / Rodin Moura Miranda. —  
2026.  
16 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Elane Cristina Rodrigues  
Gomes  
Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal  
do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas,  
Faculdade de História, Belém, 2026.

1. hanseníase. 2. estigma. 3. ensino. I. Título.

CDD 981

---

RODIN MOURA MIRANDA

**A HISTÓRIA DA HANSENÍASE NA EDUCAÇÃO BÁSICA:** representações sobre a doença, em notícias de jornais, na cidade de Belém no século XX.

Trabalho de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História, pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Elane Cristina Rodrigues Gomes.

Data da aprovação: \_\_/\_\_/\_\_\_\_.

Conceito:

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Elane Cristina Rodrigues Gomes (Orientadora).  
Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará.

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Elis Regina Corrêa Vieira.  
Instituto Federal do Pará.

## RESUMO

Este trabalho se trata de uma nota de pesquisa publicada em 2023 na coletânea “História das práticas da saúde e das doenças: epidemias e doenças” organizada pelo Grupo de Estudo e Pesquisa da História das Práticas da Saúde e das Doenças (GEPHPSD/UFGA/CNPq). É apresentado o relato, a construção e a organização das oficinas realizadas com alunos da educação básica sobre temas de saúde pública, história e práticas de ensino. As oficinas foram produtos produzidos por meio do projeto de pesquisa “História da Hanseníase na Amazônia, estigmatização e espaços de memórias”, o qual foi responsável pela nossa inserção na temática, estudos e campo de pesquisa, possibilitando as práticas de investigação, estudo e análise de documentos que viriam a serem interpretados enquanto fontes históricas, sobretudo a partir do levantamento de notícias do jornal “Folha do Norte”.

**Palavras-chave:** hanseníase; estigma; ensino.

## **ABSTRACT**

This study is a research note published in 2023 in the collection “History of Health and Disease Practices: Epidemics and Diseases”, organized by the Study and Research Group on the History of Health and Disease Practices (GEPHPSD/UFGA/CNPq). It presents the report, development and organization of workshops conducted with basic education students about themes related to public health, history and teaching practices. The workshops were products developed through the research project “History of Leprosy in the Amazon: Stigmatization and Spaces of Memory”, which was responsible for our engagement with the topic, studies and field research, enabling investigative practices, study and document analysis later interpreted as historical sources, especially from the survey of news articles from the newspaper “Folha do Norte”.

**Keywords:** leprosy; stigma; teaching.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Publicação em rede social .....	10
Figura 2 – Transcrição de notícia de jornal .....	11
Figura 3 – Cartaz de divulgação .....	13

## **SUMÁRIO**

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>OFICINAS: REPRESENTAÇÕES DA HANSENÍASE EM PERIÓDICOS NA CIDADE DE BELÉM .....</b>	<b>9</b>
<b>3</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>14</b>
<b>4</b>	<b>FONTES .....</b>	<b>15</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>16</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este texto tem por objetivo compartilhar sobre a trajetória do projeto de pesquisa intitulado: “História da Hanseníase na Amazônia, estigmatização e espaços de memórias”, com fomento da Universidade Federal do Pará (edital Prodoutor/2020) e desenvolvido na Escola de Aplicação da UFPA (Belém/PA). O projeto teve como público-alvo, discentes do 8º ano do Ensino Fundamental<sup>1</sup>. O projeto propôs abordar a história da hanseníase com os estudantes, a partir de notícias presentes em jornais da primeira metade do século XX, na cidade de Belém. O levantamento das fontes foi realizado na hemeroteca da Biblioteca Pública Arthur Vianna pelos bolsistas do projeto e a professora coordenadora do projeto.

Antes de dar início à pesquisa das fontes na Biblioteca Pública Arthur Vianna, foi indicada pela orientadora aos estudantes bolsistas a leitura de uma bibliografia sobre a temática da hanseníase no Brasil e na Amazônia, a fim de fomentar um conhecimento prévio sobre o que começaria a ser pesquisado.

Foram pesquisadas, no setor de microfilmagem da Biblioteca Pública Arthur Vianna, notícias no jornal Folha do Norte, entre os anos de 1925 a 1937, com o propósito de coletar informações sobre a hanseníase nessas décadas, na cidade de Belém e no Estado do Pará. Para tal realização, foi enfatizada a busca por informações relacionadas ao Asilo do Tucunduba<sup>2</sup>, bem como pesquisas acerca da Colônia Lazarópolis do Prata, inaugurada em Igarapé-Açu<sup>3</sup> em 24 de junho de 1923, pelo Dr. Heráclides Cesar de Souza Araújo, na época, diretor do Serviço de Saneamento Rural do Estado do Pará. Como mencionado anteriormente, as notícias recolhidas deveriam apresentar a hanseníase como temática. Essas notícias, assim que encontradas, foram registradas em fichas, que serviriam para se ter um controle quantitativo e qualitativo dos dados coletados. A ficha de pesquisa foi organizada da seguinte forma: nome do jornal, data, número do periódico, página, local, título da notícia e resumo. Posteriormente, essas notícias foram selecionadas tendo como método a pertinência das mesmas para a escrita de um artigo e auxiliar na produção

---

<sup>1</sup> A opção pelas turmas de 8º ano, deve-se ao fato de a coordenadora do projeto ser docente da disciplina história, nas quatro turmas dessa série, na Escola de Aplicação da UFPA.

<sup>2</sup> De acordo com Arthur Vianna, o terreno que abrigou o Asilo do Tucunduba pertenceu aos mercedários, os quais estavam estabelecidos em terreno aforado pelos frades. Neste lugar, Frei Caetano Brandão construiu uma olaria para fornecer tijolos e telhas para as casas em construção na cidade. Após a decisão de que a Santa Casa de Misericórdia do Pará passaria a administrar os bens do Hospital Bom Jesus dos Pobres, a olaria entrou em decadência, permitindo que a Santa Casa de Misericórdia do Pará abrigasse o hospício, entre os anos de 1814-1816 transformando o telheiro em uma construção com separações internas para abrigar doentes de lepra e alienados.

<sup>3</sup> Município do Estado do Pará localizado a aproximadamente 118 quilômetros da cidade de Belém.

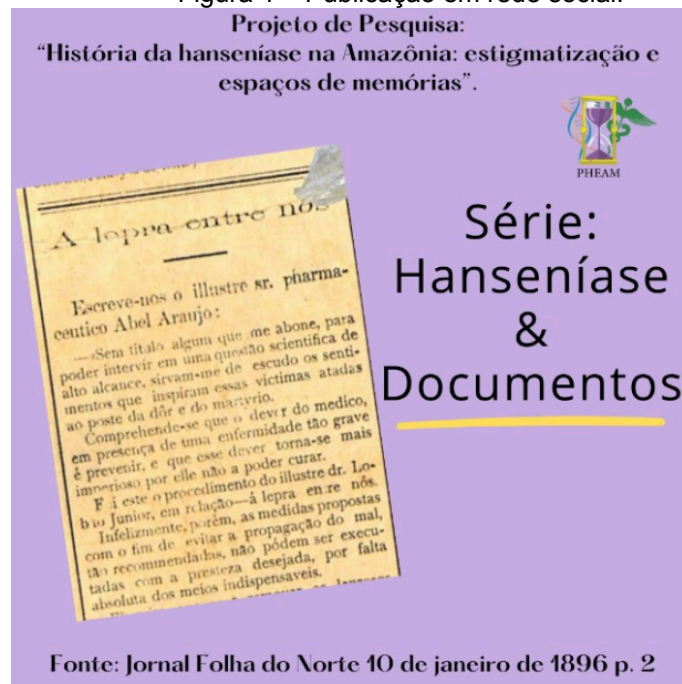
de materiais pedagógicos que seriam usados durante as oficinas ofertadas aos discentes. Uma vez ao mês foram realizadas reuniões do projeto com o objetivo de discutir atividades futuras e o andamento do levantamento de fontes pesquisadas, bem como a produção de materiais que iriam auxiliar nas práticas pedagógicas virtuais e/ou presenciais.

## **2 OFICINAS: REPRESENTAÇÕES DA HANSENÍASE EM PERIÓDICOS NA CIDADE DE BELÉM**

O projeto tentou aproximar a pesquisa acadêmica da educação básica ao inserir nas oficinas ofertadas aos estudantes fontes históricas, o que os auxiliou a compreender o que é uma doença e suas diversas representações em distintas temporalidades. Mas o que seria uma doença? O conceito de doença, segundo Roy Porter, é complexo e enigmático, pois existem várias percepções em função da temporalidade, do local e da cultura de uma dada sociedade a partir de rupturas e permanências. Logo, a intenção foi tratar sobre a hanseníase para além de seus aspectos biológicos, porém destacando o percurso histórico e social da enfermidade na cidade de Belém. (Porter, 2006)

A equipe do projeto foi composta inicialmente por graduandos de história (Universidade Federal do Pará-UFPA), enfermagem (UFPA) e estudantes do Ensino Médio da Escola de Aplicação (bolsista Pibic-EM). No ano de 2021, criamos uma página no Instagram (@pheameaufpa) onde foram publicadas fontes históricas sobre a temática da hanseníase e sua história, conteúdo sobre o tratamento da doença e palestras oferecidas ao público, via Google Meet. As publicações e vídeos tinham a pretensão de compartilhar a pesquisa com a sociedade, ou seja, comunicar a produção de conhecimento acadêmico ao público geral, porém sempre com fontes e referências bibliográficas sobre a referida doença.

Figura 1 – Publicação em rede social.



Fonte: Elaboração pelos autores das oficinas.

A inserção do tema da doença na educação básica pretendia despertar nos estudantes os aspectos históricos, sociais, políticos e econômicos da hanseníase, estimulando-os a pensar a estigmatização que uma doença pode gerar, os preconceitos historicamente construídos no passado, em diálogo com o tempo presente e principalmente compreenderem a doença dentro das especificidades locais, temporais e culturais de uma dada sociedade.

Após coletar as fontes na hemeroteca e no banco de dados preexistente, a equipe selecionou fontes que estavam em diálogo com o objetivo da oficina. Assim, os estudantes eram convidados a participarem de um breve diálogo sobre a história da hanseníase, com ênfase na cidade de Belém, tendo em vista que entre 1815 e 1938 a cidade abrigou o Asilo do Tucunduba<sup>4</sup>, considerado o primeiro espaço, em Belém, destinado a isolar pessoas diagnosticadas ou suspeitas de terem a doença. Também, foi distribuído um texto didático tratando sobre a história do bairro do

<sup>4</sup> Segundo o historiador José Messiano, a história do bairro, que atualmente chamamos de Guamá, inicia-se por volta de 1728 quando um português de nome Teodoro Soares recebeu uma doação de terras do Estado português (capitanias hereditárias). Porém religiosos, em 1755, da ordem de Nossa Senhora das Mercês adquiriram a fazenda Tucunduba, porém foram expulsos pelo Marquês de Pombal e as terras foram doadas à Santa Casa de Misericórdia. No século XVIII, foi construída uma olaria (fabricação de telhas e tijolos) na fazenda que ficava às margens do Igarapé do Tucunduba e do Rio Guamá. Por volta de 1815 foi construído na olaria o chamado Hospício dos Lázaros do Tucunduba, para reclusão de pessoas acometidas por hanseníase e alienados, esse último grupo permaneceu lá até 1892. O lugar foi adaptado sem levar em consideração as condições de higiene

Guamá, que na época chamava-se Santa Isabel, onde estava localizado o Asilo do Tucunduba.

Utilizamos nas oficinas notícias de jornais, sejam com denúncias de pessoas que haviam sido diagnosticadas com hanseníase, remédios que prometiam curar a enfermidade ou mesmo reportagens que criticavam a omissão do poder público em relação à atenção com os doentes. Posteriormente, os estudantes eram organizados em duplas ou trios e recebiam uma fonte histórica juntamente com uma ficha. Essa última solicitava que os estudantes, organizados em grupo, identificassem a temporalidade, espacialidade, temática abordada e fizessem uma análise deles sobre o que estava sendo noticiado. Segue abaixo uma notícia usada na oficina:

Figura 2 – Transcrição de notícia de jornal.



Fonte: Jornal Estado do Pará. Belém, 21 de julho de 1926, página 3 [Transcrição].

Através da leitura dos recortes de jornais, observamos que os estudantes do oitavo ano, identificaram a estigmatização através do isolamento destinado aos internos do asilo do Tucunduba, bem como os termos depreciativos associados aos doentes: infeliz, desgraçada criatura, atacados por um mal, pessoas com pele horrível, entre outros. Os estudantes também destacaram na análise das fontes a omissão das autoridades públicas e o medo social da doença tão propagado nas folhas do jornal. Olhar a cidade através da doença e por meio da lente dos jornais é também perceber como este meio de divulgação produziu sentidos e estabeleceu relações de poder, construiu verdades e ganhou credibilidade perante o leitor. Como

lembra o sociólogo Muniz Sodré, o discurso dos periódicos não pode ser concebido apenas como informativo, mas por hora como auto confirmativo, produtor de uma extensão com o potencial de alterar os fatos que são objeto da informação. Assim, “O discurso da informação pública torna-se, em consequência, operativo e performativo, ampliando a circularidade: a enunciação faz o que o enunciado diz” (Sodré, 2009, p.39).

A marca da doença a partir dos periódicos, de certa forma, construiu uma percepção determinista, que compreendia o leproso como ameaçador, com pouca expectativa de vida, um corpo que carregava uma animosidade e que precisava ser afastado, isolado daqueles tidos como saudáveis. De acordo com Erving Goffman, a humilhação se torna uma possibilidade presente quando o doente se percebe como impuro. O olhar pode simbolizar “cruamente invasão de privacidade”, o estigma, nesse sentido, é usado como referência a um distintivo depreciativo, no caso dos leprosos, uma mácula perceptível. Em suma, os periódicos, como instrumento de juízo de valor, estimularam a construção de ícones muito fortes, conduzidos de adjetivos que tendiam a fazer a sociedade enxergar a lepra de uma forma depreciativa (Goffman, 2008).

Planejamos três aulas oficinas (Barca, 2018) destinadas aos discentes da Escola de Aplicação, uma via Google Meet e duas presenciais no ano de 2022, a divulgação ocorria via cartazes na escola e na página do projeto no Instagram. As duas últimas só foram possíveis após a flexibilização das normas de segurança sanitária, relacionada à covid-19, o que permitiu o retorno presencial das atividades, na Escola de Aplicação da UFPA. A média de participantes nas oficinas presenciais ficou entre quinze a dez estudantes, de um universo de 25 estudantes por turma, pois a oficina não tinha caráter obrigatório. A aula oficina é uma metodologia que estimula a autonomia e a experiência que os discentes compartilham sobre uma dada temática. A partir desse percurso os estudantes conheceram a história da hanseníase na cidade de Belém, bem como tiveram acesso a informações sobre tratamento, diagnóstico e prevenção. Em diálogo com os estudantes, notamos que a grande maioria desconhecia a doença ou mesmo tinha segurança quanto aos conhecimentos em relação às formas de contaminação e tratamento da hanseníase.

Figura 3 – Cartaz de divulgação.



Fonte: Elaboração pelos autores das oficinas.

A preparação de cada aula oficina estava dividida nas seguintes etapas: leitura da equipe organizadora sobre a temática, seleção das fontes, apresentação do projeto, diálogo com os estudantes sobre seus conhecimentos a respeito da doença e, posteriormente, apresentação do que seria a doença, dados estatísticos do tempo presente, inclusive do bairro em que a Escola de Aplicação está localizada, a Terra Firme<sup>5</sup> e, na sequência, a exposição de uma fonte histórica referente ao século XX sobre a temática. Ao finalizar a exposição, os estudantes recebiam as fontes para análise e a ficha já mencionada.

Além das oficinas, os estudantes foram convidados a participarem de palestras com profissionais da área da saúde e história, as quais pontuaram sobre: mulheres diagnosticadas com hanseníase, o papel da fisioterapia no tratamento da hanseníase, lugares de memórias do isolamento e a história da doença na cidade de

<sup>5</sup> A Escola de Aplicação está localizada no bairro da Terra Firme / Montese, um bairro localizado na zona sul da cidade de Belém, capital do Estado do Pará. É um dos bairros mais populosos da capital, com 61.439 moradores.

Belém. A partir de tais palestras, buscamos abordar a doença com interlocuções no âmbito da saúde (enfermagem, fisioterapia) e a história.

O contato dos estudantes com os periódicos permitiu que eles compreendessem a linguagem, as construções das representações da doença e o imaginário sobre o doente, identificando a função dessa fonte na sociedade da época e a estigmatização historicamente construída em relação às pessoas acometidas pela doença, tendo em vista o preconceito, ainda existente, na sociedade atual quando falamos sobre hanseníase.

Ao longo das oficinas, os estudantes também tiveram conhecimento sobre as múltiplas formas de resistência das pessoas acometidas por hanseníase, ao visualizarem as fugas ocorridas nos espaços de isolamento, reivindicações às autoridades públicas dada as precárias condições do Asilo do Tucunduba. Tais aspectos possibilitaram aos discentes compreenderem os doentes como sujeitos históricos que resistiram à omissão das autoridades e suas imposições, pautadas em perspectivas excludentes e estigmatizantes no século XX (Gomes, 2019).

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As ações do projeto fomentaram debates em consonância com os temas transversais, presentes nos parâmetros curriculares, tais como: corpo, saúde, preconceito, direitos, cidadania e políticas públicas. Destacando os objetivos presentes nos parâmetros relacionados à necessidade de realizar reflexões históricas sobre a saúde, higiene, vida e morte, doenças endêmicas e epidêmicas (Brasil, 1998).

Consideramos que o projeto abarcou a pesquisa e o ensino, pois buscou aproximar Educação e Saúde, seja através das oficinas, publicações e palestras destinadas aos estudantes do 8º ano. Diante disso, auxiliou a inserção da história da saúde e doenças no espaço escolar, incentivou os discentes a observarem a doença e o corpo para além de seus aspectos biológicos, mas também a partir de sua construção histórica. O projeto em diálogo com outras áreas do conhecimento despertou entre os discentes e pesquisadores a atenção com o adoecimento, acolhimento e o acesso ao tratamento da hanseníase, pois ela ainda se faz presente nas estatísticas e persiste o olhar estigmatizador, seja através do preconceito institucional, no ambiente de trabalho, no cotidiano conjugal/familiar quando alguém

revela que foi diagnosticado com a doença. Dados esses constatados pela doutora Alice Cruz, relatora especial das Nações Unidas, durante sua visita ao Brasil. <sup>6</sup>

Desse modo, a presença da hanseníase hoje evidencia passados não resolvidos, com elementos de dramas recentes e definições inconclusas. Apesar de ser considerada uma doença curável na sociedade contemporânea, ainda são alarmantes os recorrentes casos da doença no Norte e Nordeste do Brasil, principalmente em bairros em que as condições de saneamento são precárias e a carência de informações sobre a doença ainda persistem. Acreditamos que a interlocução entre o passado e o presente da história da hanseníase com a educação básica mostra-se indispensável, já que através de um processo educativo, os estudantes têm a possibilidade de acessar fontes históricas de temporalidades históricas diversas e observar rupturas e permanências na história da saúde e doenças.

#### **4 FONTES**

Jornal Folha do Norte, 10 de janeiro de 1896 p. 2.

Jornal Estado do Pará, 21 de julho de 1921, p.3.

---

<sup>6</sup> Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas 44ª sessão 15 de junho a 3 de julho de 2020. Ver: O documento oficial, em outras línguas, está no link: <https://undocs.org/A/HRC/44/46/Add.2>.

## REFERÊNCIAS

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do projeto a avaliação. In: OLIVEIRA, Thiago Augusto Divardim de (org.). BARCA, Isabel. **Pensamento Histórico e Consciência Histórica**. Curitiba: W.A. Editores, 2018, p.77-86.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMES, Elane Cristina Rodrigues. **A lepra a letra: relações de poder na cidade de Belém (1897-1924)**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de pós-graduação da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2019.

HENRIQUE, Marcio Couto. Escravos no purgatório: o leprosário do Tucunduba (Pará, século XIX). **História, Ciências e Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, V. 19 supl. dezembro, 2012.

LE GOFF, Jacques. **As doenças têm História**. Lisboa: Terramar-editores, 1997.

PAIVA, Carlos Henrique Assunção; REIS, José Roberto Franco; TEIXEIRA, Luiz Antonio. A História da Saúde como ferramenta para a compreensão do presente. **Site do Observatório História e Saúde – COC/Fiocruz**, 2023. Disponível em: [https://ohs.coc.fiocruz.br/posts\\_ohs/a-historia-da-saude-como-ferramenta-para-a-compreensao-do-presente/](https://ohs.coc.fiocruz.br/posts_ohs/a-historia-da-saude-como-ferramenta-para-a-compreensao-do-presente/). Acesso em: 30 de março de 2023.

RAMOS, José Messiano Trindade. **As Memórias do Hospício dos Lázaros do Tucunduba**. Monografia de conclusão do Curso de História, do Departamento de História da Universidade Federal do Pará. Belém, 1997.

SODRÉ, Muniz. **A Narração do Fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.